



Recebido em:  
12/06/2017  
Aprovado em:  
19/06/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA E O LIVRO ELETRÔNICO

SOLANGE RIBEIRO VIEGAS  
IRANY GOMES BARROS  
ANDRÉIA DUTRA FRAGUAS

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

### RESUMO

Com o avanço tecnológico, cada vez mais conteúdos são disseminados. Dessa forma, as bibliotecas são personagens essenciais promovendo o encontro entre a informação e o pesquisador. Em 2012 o Ministério da Educação (MEC) passou a permitir que as bibliotecas das instituições de ensino superior incluíssem, como parte de seu acervo de bibliografia básica, as obras em formato digital, e conhecer a percepção dos Bibliotecários sobre o tema. Foram apontadas as vantagens e desvantagens da implementação dos livros eletrônicos, tanto sob o ponto de vista dos discentes, como também dos bibliotecários. Os resultados da investigação revelam que todos são favoráveis à implementação e expressam a necessidade de se capacitarem para utilizar esse formato de forma qualificada.

**Palavras Chave:** Educação Universitária e avaliação do MEC; Livro eletrônico. E-boobks; Biblioteca – Desenvolvimento de coleções.

### RESUMEN

Con el avance tecnológico, cada vez más contenidos se diseminan. De esta forma, las bibliotecas son personajes esenciales promoviendo el encuentro entre la información y el investigador. En 2012 el Ministerio de Educación (MEC) pasó a permitir que las bibliotecas de las instituciones de enseñanza superior incluyesen, como parte de su acervo de bibliografía básica, las obras en formato digital, y conocer la percepción de los Bibliotecarios sobre el tema. Se señalaron las ventajas y desventajas de la implementación de los libros electrónicos, tanto desde el punto de vista de los discentes, como también de los bibliotecarios. Los resultados de la investigación revelan que todos son favorables a la implementación y expresan la necesidad de capacitarse para utilizar ese formato de forma cualificada.

**Palabras-clave:** Educación superior y de evaluación de la MEC. Reserva eletrônico. E-boobks. Library - Desarrollo de colecciones.

### Introdução

A biblioteca universitária é considerada um pilar acadêmico, visando o aprimoramento pessoal e cultural dos discentes. São responsáveis por disseminar a informação para a comunidade através de seus acervos, sendo assim, um órgão essencial para a comunidade acadêmica.

O bibliotecário responsável pela administração dos serviços de informação tem como obrigação identificar as demandas dos usuários e promover melhorias na qualidade dos serviços oferecidos.

Impulsionar o crescimento do acervo da biblioteca de forma qualificada é fundamental para propiciar o enriquecimento cultural de seus usuários.

As bibliotecas Universitárias têm a função de:

Coordenar a gestão de sistemas, recursos, acervos e coleções informacionais impressos ou digitais, e bibliotecas físicas e digitais, visando à gestão estratégica da produção intelectual (acadêmica, científica, técnica e artística) da Universidade, bem como a gestão da informação acadêmica e científica relevante para alunos, pesquisadores e público em geral. (USP, [s. d., s. p.].).

Os livros impressos possuem seu espaço, porém as mídias digitais estão cada vez mais presentes no universo das Bibliotecas Universitárias. Dessa forma, surgem novas ferramentas tecnológicas que possibilitam o rápido acesso à informação e promovem a disseminação do conhecimento. Dentro desse contexto está o livro eletrônico, objeto da pesquisa realizada.

A formação acadêmica está consolidada através de alguns métodos educacionais, dentre os quais podemos citar as bibliografias básicas e complementares dos cursos do ensino superior.

Em 2012 o Ministério da Educação (MEC) passou a permitir que as bibliotecas das instituições de ensino superior, incluíssem como parte de seu acervo de bibliografia básica as obras em formato digital.

**Bibliografia** básica é a terminologia utilizada para designar a **lista de livros indicada pelos docentes como fontes de consulta**. Registro de documentos, livros, inventários, escritos, impressos ou quaisquer gravações que venham a servir como fonte para consulta, organizada pela identificação de cada uma das obras que constitui a bibliografia, por meio de elementos como o autor, o título, o local de edição, a editora e outros de caráter básico. (BRASIL, 2012, p. 28).

Paulo Freire (1981); ressalta a importância da bibliografia básica para comunidade acadêmica:

Toda bibliografia deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora [...] Se falta, nos que a recebe, o ânimo de usá-la, ou se a bibliografia, em si mesma, não é capaz de desafiá-los, se frustra, então, a intenção fundamental referida. (FREIRE, 1981, p. 9).

A Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BJA/FL/UFRJ), os bibliotecários da unidade e os discentes dos cursos de graduação da FL / UFRJ são à base de referência desta pesquisa.

A BJA não possui livros eletrônicos em seu acervo, mas a aquisição dessa ferramenta poderá solucionar alguns problemas enfrentados pela biblioteca e proporcionar benefícios para seus usuários e para Instituição, porém torna-se necessário verificar a aceitação do novo formato eletrônico pelos discentes da Faculdade de Letras e constatar a capacitação dos bibliotecários da unidade quanto a esse formato.

O ensino universitário brasileiro tem seus processos de avaliação instituídos a partir da década de 1990. Em 2004 a Lei n. 10.861/2004 institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, com o objetivo de assegurar o processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmico de seus estudantes. Essa lei foi regulamentada pela Portaria MEC n. 2051/2004 que cria a Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES), como órgão colegiado de supervisão e coordenação do SINAES e lhe compete estabelecer diretrizes, critérios e estratégias para o processo de avaliação, em conformidade com suas atribuições legais de coordenação e supervisão do processo de avaliação da educação superior. A criação dos critérios de avaliação é de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educaionais Anísio Teixeira (INEP).

O SINAES é formado por três componentes principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes. O SINAES avalia todos os aspectos que giram em torno desses três eixos: o ensino, a pesquisa, a extensão, a responsabilidade social, o desempenho dos alunos, a gestão da instituição, o corpo docente, as instalações e vários outros aspectos.

Os instrumentos que subsidiam a produção de indicadores de qualidade e os processos de avaliação de cursos desenvolvidos pelo INEP são o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e as avaliações *in loco* realizadas pelas comissões de especialistas.

Para avaliação são atribuídos conceitos de 1 a 5, em ordem crescente de excelência, a cada um dos indicadores de cada um dos cinco eixos: Planejamento e Avaliação Institucional, Desenvolvimento Institucional, Políticas Acadêmicas, Políticas de Gestão e Infraestrutura Física. Os cinco eixos contemplam as dez dimensões estabelecidas na Lei nº10.861/2004 (SINAES).

Participam do ENADE alunos ingressantes e concluintes dos cursos avaliados, que fazem uma prova de formação geral e formação específica. As avaliações feitas pelas comissões de avaliadores designadas pelo Inep caracterizam-se pela visita *in loco* aos cursos e instituições públicas e privadas e se destinam a verificar as condições de ensino, em especial aquelas relativas ao perfil do corpo docente, as instalações físicas e a organização didático-pedagógica. (INEP, 2011, s. p.).

O principal foco desta pesquisa concentra-se nos indicadores 3.6 bibliografia básica (item imprescindível); 3.7 bibliografias complementar. Tendo como objetivo uma reflexão sobre a implementação dos livros eletrônicos, especificamente na Biblioteca José de Alencar, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tanto a bibliografia complementar como a básica fazem parte do Projeto Pedagógico do Curso, cujo documento está anexado no e-MEC. É importante ressaltar que são essas duas listas que são responsáveis pela constatação de toda bibliografia no acervo da biblioteca, durante a visita no local que são alvos de avaliação. O MEC permite que toda bibliografia complementar seja em formato digital e parte da complementar:

**Para renovação de reconhecimento:** Essa avaliação é feita de acordo com o Ciclo do Sinaes, ou seja, a cada três anos. É calculado o Conceito Preliminar do Curso (CPC) e aqueles cursos que tiverem conceito preliminar 1 ou 2 serão avaliados *in loco* por dois avaliadores ao longo de dois dias. (BRASIL, 2016, s. p.).

Ou seja, o tecnológico tem que estar vinculado ao informacional para ser considerado um livro eletrônico. Sobre o livro eletrônico:

Ha hoje uma considerável quantidade de livros colocados a disposição dos interessados – gratuitamente – na Internet, para download e leitura em papel ou qualquer dispositivo eletrônico. Essa tendência à distribuição gratuita deverá crescer por impulso de iniciativas privadas e publicas até atingir 100% das obras relevantes em domínio público. (ROSA, 2008 apud MORAES, 2012, p. 50).

A Biblioteca José de Alencar não possui uma política para implementação dos livros eletrônicos que poderia solucionar as demandas de reservas de livros e garantir boa uma pontuação no MEC. O custo de uma aquisição de livros eletrônicos para instituição é muito mais alto, quando comparado a uma publicação impressa. Entretanto, existem vantagens do custo benéfico, porém não sabemos dos hábitos de leitura digital da comunidade acadêmica da Faculdade de letras da UFRJ.

O que nos remete à seguinte reflexão: É realmente favorável a aquisição de livros eletrônicos por parte da Biblioteca José de Alencar para atender a sua comunidade acadêmica

## **A comunicação**

A invenção da imprensa proporcionou a facilitação da leitura e escrita, bem como ampliou as relações intelectuais nas áreas da ciência e da educação:

A ideia de difusão é o fio condutor que nos permite acompanhar o livro em suas sucessivas mutações. [...] O livro, por possuir sob a aparência de um frágil volume de conteúdo intelectual e formal de alta densidade, por circular facilmente de mão em mão, por poder se copiado e multiplicado a vontade, é o instrumento mais simples que, a partir de um dado ponto, é capaz de liberar toda uma série de sons, imagens, sentimentos, ideias e elementos e informação abrindo-lhes as portas do tempo e do espaço. (ESCARPIT, 1976, p. 5).

Diante dessas afirmações podemos admitir que o livro em papel foi revolucionário. Democratizando a informação, criando maior acesso a educação e ganhando o mundo.

Com a democratização da informação ocorre um fenômeno chamado explosão da informação. Souza (2012) traduz essa questão que desencadeia o ciclo/fluxo da informação através de Le Coadic (2004):

O futuro da informação é marcado por duas questões segundo Le Coadic: a explosão quantitativa da informação e a implosão de tempo de comunicação da informação. [...] Com a descoberta da escrita, por volta de 3000 a.C., e a invenção d imprensa, por Gutemberg já no século XV a informação passou a ser multiplicada [...] A essa multiplicação de informações se nomeou explosão da informação. Não há mais distancia que seja obstáculo à velocidade, nenhuma fronteira detém a informação. (LE COADIC, 2004 apud SOUZA, 2012, p. 13).

Sendo assim com uma produção que se multiplica exponencialmente a informação precisa ser processada de maneira acelerada também. Souza (2012) identifica através de Le Coadic que somente a tecnologia poderia dar movimento a essa explosão de informação diminuindo o tempo necessário entre a busca e o resultado. E dessa maneira podemos explicar o fluxo/ciclo da informação: construção/comunicação/uso.

A parte histórica usada como um referencial possibilitou o entendimento da evolução dos suportes da informação. Schroeder (2011) nos apresenta o desenvolvimento inicial dessa ferramenta: e-books:

Em 1971, Michael Hart criou o Projeto Gutenberg, a primeira biblioteca digital do mundo, desenvolvida para viabilizar uma coleção de livros eletrônicos gratuitos a partir de volumes físicos e com direitos autorais livres. O primeiro livro desta biblioteca foi a declaração de independência dos Estados Unidos (tornando-se o primeiro livro digital da história). Este projeto tem agora 36 mil títulos.

Portanto há mais de 40 (quarenta) anos já existe a ideia de trazer para o mundo digital o conteúdo dos livros impressos:

Os livros eletrônicos começaram a ser utilizados em bibliotecas universitárias há cerca de dez anos, principalmente nos Estados Unidos. Do início de sua aplicação até os dias de hoje, muitas transformações foram observadas nesses recursos de informação, proporcionando dúvidas e desafios aos bibliotecários que iniciaram sua utilização ou pretendem fazê-lo. (SERRA, 2014, p.1-2).

Com o avanço tecnológico o acesso à informação encontrou novos suportes. O livro impresso e a tela de um aparelho eletrônico se tornaram concorrentes. O que não é ainda uma condição determinante para o “desaparecimento” do livro em papel.

### **O livro eletrônico**

Ainda hoje existe divergências entre as nomenclaturas e-books, livro eletrônico, livro digital entre outros. “há uma pluralidade de sinônimos para livros eletrônicos, são eles: edição on-line, edição digital, documento eletrônico ou digital, livro virtual, e-book, livro desmaterializado” (MORAES, 2012, s. p.).

A definição de livro eletrônico em si não é tarefa fácil. Para Gibson e Ruotolo (2003 apud PINSKY, 2009, p. 29) “o livro eletrônico como qualquer texto completo e eletrônico feito para ser lido em uma tela desde que não em um navegador de internet”.

Pinsky (2009) relaciona vários conceitos sobre livros eletrônicos. Por exemplo ele traz o autor Lynch (2001) que afirma que:

O livro eletrônico é um conjunto de bits que pode ser transportado por mídia eletrônica ou entregue via rede e desenhado para ser visto em uma combinação de software e hardware, mas existem independentemente dos mecanismos que podem ser usados para acessá-los ou lê-los. (LINCH, 2001, p. 4 apud PINSKY, 2012, p. 29).

A definição eleita por Pinsky (2009, p. 30):

O livro eletrônico é um livro digital em arquivo texto ou sonoro que pode ser: vendido (ou disponibilizado) na íntegra ou em partes; alugado (acesso pago on-line por determinado período de tempo); vendido por capítulos gerados de arquivo digital, mas impressos para o consumidor em um ponto de venda [...] Nesse sentido, o importante não é como o livro será consumido (lido ou ouvido), mas sim como saiu da editora para ser comercializado.

Todas essas definições são benéficas para a discussão sobre os e-books, pois trazem sempre alguma nova característica a ser racionalizada e dimensionada.

Pluinage (2015) discorre em seu artigo sobre a importância do e-reader que aprimorou a leitura digital, e teve como consequência maior amplitude para o mercado de livros eletrônicos:

Antes da popularidade atual dos eBooks, os livros eram acessados por meio de disquetes, ou baixados na Internet, para serem lidos em computadores de mesa. Existia uma baixa adesão à leitura digital, o mercado de livros on-line era pouco significativo, comparado ao impresso. c, mas seu principal problema ainda precisava ser contornado: a leitura digital não era confortável. [...] foi finalmente contornado com a comercialização em larga escala do eReader (abreviação de *electronicreader*), dispositivo digital para leitura de eBooks. O eReader facilitou a leitura e, conseqüentemente, a ascensão do mercado de eBooks. (PLUVINAGE, 2015, s. p.).

Os e-reader são dispositivos próprios para fazer a leitura de livros eletrônicos. Existem muitas marcas no mercado como: Alfa, Coller, Kindle, Kobo, Ivo e Sony Read. De acordo com Procópio o conceito de dispositivos de leitura é:

Dispositivo de leitura é um equipamento com tela plana de cristal líquido, em preto e branco ou colorida, sensível ao toque de caneta ou dedo e a tela apresenta controle de luminosidade. Dentre suas funcionalidades destacam-se: a) Capacidade de armazenamento, de acordo com o dispositivo ou através de expansão da memória; b) Possibilidade de alterar tamanho e tipo da fonte; c) Alterar a visualização da tela (vertical ou horizontal); d) Marcadores de páginas, destaques, anotações; e) Pesquisa por qualquer palavra ou frase do texto; f) Navegação por hiperlinks; g) Possibilidade de utilização de dicionário; h) Durabilidade da bateria. (PROCÓPIO, 2010 apud SERRA, 2014, p. 3).

Muitos confundem dispositivo próprios de leitura com livro eletrônico. Os e-readers são aparelhos dotados de tinta virtual, semelhantes aos dos livros impressos, tornando a leitura mais agradável:

A evolução dos livros eletrônicos está vinculada aos dispositivos de leitura, que caracterizam a parte do hardware e não podem ser confundidos com os mesmos, ou seja, é o equipamento que permite a realização da leitura e não um sinônimo de livro eletrônico. Nesse artigo foram considerados dois tipos de equipamentos: os dispositivos de leitura dedicados (e-readers), que permitem apenas a leitura de textos; e os convergentes (tablets), marcados pela possibilidade de realizar outras funções além da leitura. (ARMSTRONG; EDWARDS; LONSDALE, 2002 apud SERRA, 2014, p. 3).

Para Furtado (2002 apud BARCELOS; LOPES, 2012, p. 9) "Alguns autores sugerem que o livro impresso um dia irá ser substituído pelo livro eletrônico, sendo uma evolução natural e produzindo mais vantagens do que desvantagens".

A vantagem dos e-books em comparação com os livros impressos seria a facilidade no acesso à informação e a possibilidade de interação e integração com outras mídias entre outros:

O uso dessa tecnologia voltada para o ensino não pode ser deixada de lado, uma vez que pode auxiliar o processo ensino-aprendizagem, possibilitando acesso às informações mais facilmente, além de tornar o ensino mais atrativo, utilizando-se de ferramentas para potencializar este processo, enriquecendo o aprendizado e o tornando mais diversificado e prazeroso. Uma aplicação do uso tecnológico voltado para o ensino é o emprego de recursos didáticos digitais, tais como os livros eletrônicos, dos quais apresentam possibilidades reais no ensino podendo ser considerados na atualidade uma ferramenta fundamental para a qualidade da educação. (FURTADO, 2002 apud BARCELOS; LOPES, 2012, p. 9).

Para Rosa (2008) com o desenvolvimento e crescimento tecnológico ocorre o início da “transição digital” quando os conteúdos antes impressos são substituídos por diferentes tipos de mídias eletrônicas:

Passadas as resistências naturais da fase inicial da nova tecnologia, que costuma acometer os atuantes do mercado dom a ‘miopia de marketing’ [...] hoje há um consenso no mundo editorial de que o futuro do livro é digital e há uma avalanche de iniciativas nesse sentido. (ROSA, 2008, p. 43).

Algumas vantagens dos livros eletrônicos foram listadas por Rosa (2008, p. 105): “tem custo significativamente menor; ocupa espaço mínimo e dispensa estoques dispendiosos; mantém-se permanentemente em catálogo; não tem custos de transporte; não se gasta com o uso; não oferece barreiras de publicação”.

Rodrigues et al. (2015) analisa o livro eletrônico na perspectiva do ensino considerando-o “um produto específico” que promove a “interação do estudante com o seu conteúdo”.

Moraes (2012) traz duas questões sobre o futuro do livro. Uma delas trata da transição dos livros em papel para o meio eletrônico e como o mercado tende a questionar essa transição. Ele cita o autor Darnton que detecta a insegurança diante desses avanços tecnológicos:

Que terreno em comum existe entre os velhos livros e os e-books Que vantagens mútuas ligam as bibliotecas à Internet Essas questões podem parecer vazias no abstrato, mas tomam forma concreta nas decisões feitas todos os dias por participantes da indústria de comunicação – webmasters, engenheiros de computação, financistas, advogados, editores, bibliotecários, e um bom numero de leitores comuns. (DARNTON apud MORAES, 2012, p. 14).

A outra questão que ele aponta é da sobrevivência do “livro como forma de transmissão de conhecimento na sociedade contemporânea, marcada pela rapidez e diversidade dos meios de comunicação” (MORAES, 2012, p. 15). Ele cita Jorge Wethein, representante da UNESCO no Brasil:

É um mundo onde coexistem realidades diversas: a possível redução da leitura de livros, em face da rapidez e relativa facilidade da comunicação por outros meios, como a dança eletrônica de imagens coloridas, em contraste com a mais notória escassez de acesso à era de Gutenberg, acrescida hoje do divisor digital. Em meio aos paradoxos desse mundo em processo de mundialização – onde, portanto, as disparidades tendem a se tornar cada vez mais marcantes, em aceleração crescente-, cumpre discutir o livro. (PORTELLA apud MORAES, 2012, p. 15).

Porém Pinsky (2009, p. 6) nos apresenta um outro conceito gerado pelo contato com o livro impresso: a afetividade:

O livro desperta sentimentos fortes, muitas vezes afastando de seus estudiosos a objetividade para lidar com inovações ligadas a ele. Isso faz com que muitos garantam que nenhuma nova tecnologia pode substituir o prazer de folhear páginas, sentir o objeto e até cheirá-lo.

É preciso sempre verificar através de mecanismos de avaliação a real necessidade do leitor e o processo de leitura. Embora exista uma iniciativa governamental indicando dos livros eletrônicos como mais uma ferramenta para o

acesso às bibliografias dos cursos superiores existe alguns obstáculos como os que foram citados anteriormente. O hábito da leitura, do folhear, do cheirar, da afetividade gerada pelo papel não pode ser desprezado. Além dos recursos eletrônicos que em alguns casos são pouco acessíveis.

A escritora Seixas destaca em seu livro as lembranças e prazeres que o livro impresso desperta, como o de ir nas livrarias, sebos e a própria leitura do impresso:

E se as livrarias são lugares de amor, o que dizer dos sebos Muita gente diz que nos sebos os livros têm alma. É verdade. Os livros usados, que pertenceram a outras pessoas, que foram tocados por mãos desconhecidas, exibem uma áurea, uma personalidade. (SEIXAS, 2011, p. 41).

Seixas, discorda que o formato impresso desaparecerá, apesar de apontar algumas vantagens sobre livros eletrônicos:

E e nessas estantes vivas, coloridas, que eu penso quando ouço alguém falando do fim do livro e de sua substituição pelo e-book, ou qualquer outro gadget eletrônico. [...] não se cansam de anunciar: o "livro analógico" vai acabar daqui a alguns anos todos lerão em pequenos artefatos eletrônicos, os "livros digitais". Será Custo a crer que isso vá acontecer. [...] Um objeto do tamanho de um livro de bolso, fininho e leve que pode conter mais de mil livros. [...] É o iPod da literatura. Mas o que isso vai significar para o livro Só o futuro dirá. (SEIXAS, 2011, p. 52).

"São comuns previsões otimistas e pessimistas veementes revezando-se quando surge uma inovação significativa – e foi o que aconteceu com o e-book" (ROSA, 2008, p. 103). As previsões que indicavam que os livros eletrônicos iriam substituir o livro impresso não se comprovaram mesmo tendo tantas vantagens. O processo de transição ainda está na chamada fase inicial e é possível afirmar que os documentos eletrônicos e os impressos devem conviver amigavelmente abraçando todo tipo de usuário nas bibliotecas ainda por um longo período. O custo é uma das vantagens na aquisição de publicações eletrônicas:

As publicações eletrônicas estão tendo seus custos reduzidos drasticamente, caso comparadas com os custos de papel, impressão e transporte, enquanto as bases de dados, principalmente as de texto completo, aumentam em número e tamanho. Os grupos de discussão eletrônica (Listservs) têm servido como meios informais para a disseminação de novas idéias, assim como a Internet favorece o acesso a periódicos eletrônicos, cuja submissão, avaliação e distribuição de artigos é feita de forma eletrônica. (MARCHIORI, 1997, s. p.).

O mercado editorial de livros eletrônicos encontra-se em expansão também no âmbito acadêmico. As bibliotecas universitárias brasileiras já estão fazendo uso dessa tecnologia:

Números de vendas de e-books demonstram o impacto que o surgimento de e-books está tendo na indústria editorial. Na Austrália, a venda de e-books cresceu mais de 100% entre 2008 e 2009 (Cox, 2010). Nos Estados Unidos, a Association of American Publishers (2012) informou que de janeiro de 2011 a janeiro de 2012, as vendas de e-books para adultos e crianças/adultos jovens e-books aumentaram 49,4% e 475,1%, respectivamente. [...] Um setor impactado pela revolução do e- book é o setor educacional (publicação para escolas e instituições de ensino superior. (D'AMBRA apud DIAS; VIEIRA; SILVA, 2013, s. p.).

De acordo com Moreira Dourado; Odone (2013), algumas editoras de universidades do Brasil estão produzindo livros em formato eletrônicos de forma paulatina:

Observou-se que as editoras universitárias nacionais estão em fase inicial de inserção do livro digital como estratégia de inovação editorial. Constatou-se que 25 (21%) editoras universitárias, de um universo de 120, têm iniciativas de publicação de livros digitais. Este número demonstra, portanto que a maioria das editoras ainda não está aderindo ao livro eletrônico como inovação editorial para dinamizar a comunicação da informação científica. (MOREIRA DOURADO; Odone. 2013, p. 16).

Anualmente é realizada uma pesquisa pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a Câmara Brasileira do Livro (CBL) para avaliar a produção editorial no país. Nessa pesquisa são comparadas estimativas de dados de uma amostra editorial.

Verificando os últimos 2 (dois) anos da pesquisa temos como resultado uma queda nas vendas, incluindo as vendas ao mercado e ao governo.

Em relação aos livros eletrônicos “conteúdo digital” como é denominado pelo SNEL, nos últimos anos:

[...] ao que tudo indica, as vendas de e-books continuam em ritmo de alta. Partindo de um acervo de 35 mil títulos, as editoras respondentes de nossa amostra registraram com essas vendas, em 2014, um faturamento de cerca de R\$ 17 milhões (contra 13 milhões em 2013). Mas isso significa apenas 0,3% d faturamento apurado com as vendas totais de livros impressos em 2014 (cerca de R\$ 5 bilhões). (SNEL, 2015, s. p.).

Portanto ainda temos um mercado de livros impressos com maior faturamento, pois como sabemos os livros em papel tem um custo muito mais elevado. Enquanto que as vendas de livros eletrônicos cresceram com um faturamento menor.

Dados da Association of American Publishers (2011 apud MEDEIROS; VIEIRA; NOGAMI, 2014) em 2010 apontam que os *e-books* tiveram maior volume de vendas do que os livros impressos. Só a empresa Amazon já possui mais de 950 mil títulos de *e-books* (Academia Brasileira de Letras, 2012). No Brasil, segundo a Associação Nacional de Livrarias (ANL) (2010), 56% das livrarias possuem *e-commerce* e o acervo tem crescido diariamente.

A tecnologia está mudando a forma como disponibilizamos as informações. O que antes era apenas impresso, hoje pode ser fornecido de maneira eletrônica.

Segundo Alves (2004, p. 28) “O documento eletrônico vem ganhando espaço no dia a dia não só dos profissionais bibliotecários, mas também no cotidiano dos usuários da biblioteca e do público em geral.”

### **Utilização das mídias eletrônicas nas Universidades**

O ensino superior tem se transformado gradativamente e conseqüentemente o processo ensino-aprendizagem terá outro perfil dentro desse universo. O uso da tecnologia na universidade gerou outras vertentes como o ensino à distancia, as bibliotecas híbridas e com isso alterou o perfil do usuário final.

O desafio para a universidade e também para a biblioteca é absorver essas mudanças e atuar frente a elas.

### **Conclusões**

Devido aos hábitos da comunidade acadêmica da FL, que utiliza o material impresso da BJA constantemente e sente prazer em frequentar seus espaços, a pesquisa foi necessária, pois o livro eletrônico tem um custo muito elevado para instituição. Eles são adquiridos na modalidade acesso permanente e existe a hipótese que alunos de Letras tem apego afetivo pelo livro tradicional, tem prazer olfativo, gostam de folhear suas páginas e sentir sua textura.

Contatou-se que mais da metade dos discentes tem o hábito de ler mais de 5 (cinco) obras impressas por ano e 93% declaram que tem o hábito de colecionar livros. Verifica-se que os alunos de letras não só gostam de ler impressos como também gostam de tê-los em seu poder.

Os participantes utilizam a internet em larga escala, sendo que a maior parte dos alunos nunca comprou obras digitais, porém baixam os conteúdos digitais que estão disponíveis gratuitamente em sites de domínio público. Acessar trechos de obras digitais para realizar atividades acadêmicas é um hábito comum entre os discentes, como também grande parte faz leitura de livros eletrônicos na íntegra. Os dispositivos mais utilizados para fazer leituras digitais são os computadores e smartphone e somente uma pequena parte utiliza os e-reader. Possivelmente o uso do

smartphone em grande escala deve-se ao fato da variedade de opções acessíveis oferecidas pelo mercado.

## Recomendações

Novas demandas tecnológicas são responsáveis por despertar novas soluções na construção do conhecimento.

A formação acadêmica está consolidada através de alguns métodos educacionais, dentre os quais podemos citar as bibliografias básicas e complementares dos cursos do ensino superior. As obras das bibliografias dos cursos têm que estar presentes no acervo das Bibliotecas Universitárias, pois são alvos de avaliação do MEC.

Muitas obras são danificadas e perdidas durante o ano letivo e outras são acrescentadas às bibliografias. Os livros eletrônicos não sofrem danos, porém seu custo é alto para instituição. Recomenda-se a necessidade de priorizar o que realmente deve ser comparado no formato digital, e a melhor maneira é analisando o fator custo benefícios. A expertise do gestor responsável por esta atividade é fundamental para alocação de recursos, pois nem sempre é possível comprar o que é solicitado pela comunidade acadêmica.

## Referências

BRASIL. INEP. **Censo da educação superior 2012**: resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. Disponível em: . Acesso em: 26 jun. 2016.

BRASIL. INEP. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância**. Brasília: INEP, 2012. Disponível em: . Acesso em 21 jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. Diretoria de Avaliação da Educação Superior – Daes. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – Sinaes. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação e a distância**. Brasília, junho de 2015.

CAMARA BRASILEIRA DO LIVRO; SNEL. Produção e vendas do setor editorial brasileiro. Disponível em: . Acesso em: 1 fev. 2016.

DIAS, Guilherme; VIEIRA, Américo Augusto Nogueira; SILVA, Alba Ligia de Almeida. Em busca de uma definição para o livro eletrônico: o conteúdo informacional e o suporte físico como elementos indissociáveis. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E TECNOLOGIA, 14., 2013 Florianópolis, 2010. p.128. **Anais ...** Disponível em: . Acesso em: 8 jul. 2015.

DOURADO, Stella Moreira; ODDONE, Nanci. O livro digital como inovação editorial para a cadeia produtiva das editoras universitárias brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB 2013), 14.

Comunicação Oral no GT 7: Produção e Comunicação da Informação em CT&I. **Anais ...** Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/viewFile/4354/3477>>. Acesso em: 20 maio 2015

ESCARPIT, R. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: FGV, Instituto Nacional do Livro, 1976.

FREIRE, Freire. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

MARCHIORI, P. Z. “Ciberteca” ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, Brasília, maio/ago. 1997. Disponível em: . Acesso em: 16 fev. 2016.

MEDEIROS, J.; VIEIRA, F. C. D.; NOGAMI, V. K. da C. A construção do mercado editorial eletrônico no Brasil por meio de práticas de *marketing*. **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n.1, fev. 2014. Disponível em: . Acesso em: 14 jan. 2016.

MORAES, André Carlos. **Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PINSKY, D. **O uso do livro eletrônico no ensino superior sob a ótica dos professores universitários e profissionais de editoras**. São Paulo, 2009. 141f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e contabilidade, USP, São Paulo, 2009.

PLUVINAGE, Jean-Frédéric. **A complexa e fascinante história dos livros digitais**<http://www.foxtablet.com.br/historia-dos-livros-digitais/>>.

RODRIGUES, C. et al. E-books didáticos nos ambientes de aprendizagem em rede. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, v. 21, n. 1, jan./abr. 2015.

ROSA, J. A. **Análise do livro como produto e como negócio no contexto brasileiro atual**. São Paulo, 2008. 273f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2008.

SCHROEDER, C. **Os quarenta anos do livro digital**. Revolução e-book, 2011. Disponível em:< <http://revolucaoebook.com.br/quarenta-anos-livro-digital/>> Acesso em: 12 jan. 2016.

SERRA, 2014. **Fundação escola de sociologia e política de são paulo**. SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP OS QUATRO ELEMENTOS DOS LIVROS DIGITAIS, 3. Pesquisadora: Liliana Giusti Serra. Disponível em: . Acesso em: 20 jan. 2016.

SERRA, L. G. Os quatro elementos dos livros digitais. In: SEMINARIO DE PESQUISA DA FESPSP, 3., 2014, São Paulo. **Anais...** Disponível em : . Acesso em: 20 jan. 2016.

SOUZA, M. T. de. **O papel da gestão participativa em uma biblioteca gerando um ambiente de qualidade**. Rio de Janeiro, 2012. Monografia (Especialização) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

VIEGAS, Solange Ribeiro. Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Americana / Redllumno - Asunción – Paraguay. Mestranda no Curso Profissional em Biblioteconomia da UNIRIO. Bibliotecária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [solange.rviegas@gmail.com](mailto:solange.rviegas@gmail.com).

BARROS, Irany Gomes. Doutora e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Americana / Redllumno - Asunción – Paraguay - Revalidado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Especialista em Arteterapia em Educação e Saúde. Bibliotecária e Professora na Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [irany2012@yahoo.com.br](mailto:irany2012@yahoo.com.br).

FRAGUAS, Andréia Dutra. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Americana / Redllumno - Asunción – Paraguay. Bibliotecária na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [andreiafraguas@yahoo.com.br](mailto:andreiafraguas@yahoo.com.br)

